

ESTUDOS HISTÓRICOS E O CINEMA: A CONTRIBUIÇÃO DE MARC FERRO

*Edvânia Cavalcante dos Santos Silva¹(IC), Julierme Sebastião Morais Souza ²(PQ)

¹edvania.sulla@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás/Campus-Iporá.

Resumo: O presente trabalho procura fazer uma discussão teórica acerca das relações entre história e cinema pós-1960. Nele, problematizamos o modo pelo qual o cinema tornou-se efetivamente fonte de pesquisa para os historiadores, buscando mapear a contribuição do historiador francês Marc Ferro (1924). Partindo da premissa segundo a qual no interior do que se convencionou identificar como a Nova História o debate acerca de novos objetos, novos problemas e novas abordagens a serem incorporados ao métier dos historiadores rendeu efetivamente a incorporação do cinema ao caleidoscópio de fontes importantes para a produção do conhecimento histórico, foi fundamental entender a contribuição de Marc Ferro e seus principais textos nesse processo, bem como resgatar sua historicidade.

Palavras-chave: Estudos históricos. Cinema. Teoria.

Introdução

O presente trabalho faz parte de um projeto mais amplo intitulado *Reflexões sobre a historiografia do cinema brasileiro: a contribuição de Alex Viany*. Atentando especificamente para a discussão bibliográfica acerca das relações entre história e cinema pós-1960, problematizamos o modo pelo qual o cinema tornou-se efetivamente fonte de pesquisa para os historiadores, procurando mapear a contribuição do historiador francês Marc Ferro (1924).

Em vista disso, nesse plano de trabalho emergiu para o centro do debate as proposições de outro historiador francês: Michel de Certeau. Na obra *A escrita da história* (2007), discutindo a *operação historiográfica*, Certeau desenvolve três elementos que, dados em sua relação, correspondem aos procedimentos de edificação de um trabalho histórico — o *lugar social*, a *prática* e a *escrita* —. O que nos interessa nesse plano é sua problematização do *lugar social*. De acordo com Certeau, a articulação de toda pesquisa historiográfica com seu lugar de produção, seja ele social, econômico, político e cultural, promove uma vinculação deste lugar aos interesses, métodos e, conseqüentemente documentos e questões passíveis de análise do pesquisador. Dessa forma, tal *lugar social* tem em seu núcleo, o “o não dito”; “a instituição histórica” que o historiador está vinculado; a sociedade que o

historiador se relaciona; e o “papel de interdição e permissão” de suas produções por essa mesma sociedade (CERTEAU, 2007). Em vista disso, procuramos entender como Marc Ferro contribuiu para a incorporação do cinema na agenda investigativa dos historiadores, consistindo também em problematizar seu lugar social, que traz consigo seus respectivos interesses em meio ao debate acerca da inserção do cinema como fonte aos estudos históricos.

Como objetivo geral, problematizamos o modo pelo qual o cinema tornou-se efetivamente fonte de pesquisa para os historiadores pós-1960, procurando mapear a contribuição do historiador francês Marc Ferro, sempre tendo em vista seu lugar social. Como objetivos específicos, nos preocupamos em 1) Mapear os principais textos sobre a relação entre História e cinema publicados por Marc Ferro; 2) Problematizar a concepção de cinema presente na fortuna crítica de Marc Ferro; 3) Compreender os principais conceitos e noções lançados à baila por Marc Ferro em sua fortuna crítica; 4) Questionar qual é o lugar dos textos de Marc Ferro no interior dos estudos sobre história e cinema.

Material e Métodos

O presente trabalho tem como material de pesquisa a obra *Cinema e História* (1992), de Marc Ferro. Já por empreendimento metodológico, cabe salientar nossa adesão ao método hermenêutico à luz das colocações de Adalberto Marson, que no artigo *Reflexões sobre o procedimento histórico* (1984), propõe um procedimento de pesquisa similar ao hermenêutico, sem, porém, conceituá-lo como tal. Para Marson, em nossa relação com a documentação histórica, devemos fazer com que ela

[...] apareça em todas as suas mediações e contradições, sem que a sua evidência manifesta (aparência) e a forma necessariamente parcial de oferecer-se à percepção sejam rotuladas de “falsas” porque estariam em dissonância com um lado “verdadeiro” mas desfigurado por certos interesses que manipulam a realidade (MARSON, 1984, p. 49).

Dessa forma, ainda há de se questionar a fortuna crítica de Marc Ferro do seguinte modo:

1º) Sobre a existência em si do documento: O que vem a ser documento? O que é capaz de nos dizer? Como podemos

recuperar o sentido deste seu dizer? Por que tal documento existe? Quem o fez, em que circunstâncias e para que finalidade foi feito? 2º) Sobre o significado do documento como objeto: O que significa como simples objeto (isto é, fruto do trabalho humano)? Como e por quem foi produzido? Para que e para quem se fez a produção? Qual a finalidade e o caráter necessário que comanda sua existência? 3º) Sobre o significado do documento como sujeito: Por quem fala tal documento? De que história particular participou? Que ação e que pensamento estão contidos em seu significado? O que fez perdurar como depósito da memória? Em que consiste o seu ato de poder? (Ibid., p. 53).

Em suma, com base no procedimento metodológico acima exposto, lidamos com nossa documentação de maneira crítica, sem perder de vista sua historicidade, bem como sempre à luz das questões que colocamos a ela.

Resultados e Discussão

Em função do fato de que a pesquisa ainda não se encerrou, pois o relatório final ainda está em fase de preparação, exporemos apenas alguns resultados obtidos com relação aos dois primeiros objetivos específicos. A saber: Mapear os principais textos publicados por Marc Ferro; e problematizar a concepção de cinema presente na fortuna crítica do autor.

Inicialmente é válido salientar que durante muito tempo o cinema foi encarado e visto apenas como um entretenimento, uma atração de feira, sendo uma forma mais acessível de divertimento à população. O cinema foi apresentado ao público pela primeira vez em 1895 no Salão Grand Café, em Paris, com o registro de operários no fim do dia saindo de uma fábrica. Jorge Nóvoa enfatiza: “É verdade que, desde as primeiras filmagens realizadas por Louis e Auguste Lumière, em 1895 — operários saindo de sua fábrica —, o cinema se casa indissolavelmente com a história” (NÓVOA, s/d, p. 1). Entretanto, provavelmente quando os irmãos Lumière criaram o cinema estariam pensando que em algum momento no futuro este teria alguma função para que alguém pudesse se utilizar da cronologia de imagens exibidas em uma tela, mas com certeza não pensaram que o cinema ganharia uma força tão grande a ponto de existir uma expressão chamada: História-Cinema.

Compreendemos que a partir do momento em que os historiadores passaram a encarar o filme além de sua forma estética e de divertimento, eles perceberam que

a história produz aquilo que o cinema reproduz, com uma sequência de imagens reais. Assim, os historiadores que se comprometem em utilizar a imagem cinematográfica deveram colocar para si mesmo à indagação referente no que a imagem traz, se esta exprime uma realidade ou é uma mera representação da sociedade e principalmente o seu grau de manipulação, dominação nas pessoas. Assim, inegavelmente compreendemos que a partir do momento em que estas questões são colocadas ao debate, começam a apontar a direção para o trabalho ser feito, ou seja, indicam o caminho a ser percorrido pelo historiador, na qual como mesmo a autora se referiu acima, começa a indicar a complexidade do objeto em estudo, no caso o filme.

Entre as décadas de 60 e 70 surgiu no campo da historiografia um importante debate em variar as fontes empregadas nas pesquisas históricas. Tal movimento foi influenciado por uma mudança que ocorreu na historiografia francesa denominado “Nova História”, no qual uma das principais preocupações era identificar novos problemas, novas abordagens e novos objetos aos estudos históricos. Especialmente a partir desse contexto, artigos, livros e coletâneas dedicadas ao gênero fílmico se multiplicaram, porém a conquista da cidadania histórica dos filmes foi lenta, pois teve que passar por inúmeras críticas lançadas acerca de questões teórico-metodológicas, sobretudo na análise do filme como documento histórico. É exatamente o francês Marc Ferro que se notabiliza como um dos principais historiadores a debaterem tais questões, sobretudo a relação História-cinema. Seus principais textos dedicados à temática são: “O filme: contra-análise da sociedade?”, publicado na coletânea organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora *História: novos objetos* em 1976; “Existe uma visão fílmica da História?”, publicado em 1987; e a coletânea que arregimenta os artigos mencionados intitulada *Cinema e História*, publicada em 1992. Cabe ressaltar que esta coletânea consiste numa das obras que revolucionaram o estudo de filmes por parte dos historiadores no século XX, especialmente por conter o artigo “O filme: contra-análise da sociedade?”, em que Ferro expõe mais claramente sua concepção de cinema. O foco de nossas reflexões serão este artigo, cuja nossa fonte é a coletânea *Cinema e História* (1992).

Nele, o autor parte do problema da censura imposta sobre filmes na URSS e em Hollywood abrindo caminho para uma análise da imagem apresentada nos filmes, sempre levando em consideração a influência do meio social. Nesse

procedimento, Ferro considera que qualquer filme é digno de ser considerado história, mesmo os filmes de ficção, que, segundo ele, são tão válidos quanto os documentários, pois possuem a capacidade de veicular uma contra-análise da sociedade em que estão inseridos. Dessa forma, Ferro demonstra todo o processo que envolve o mundo do cinema e da História, além de revelar como a iconografia, em especial o filme, construiu o seu espaço na sociedade, como esta deve ser assimilada pelos historiadores, além de mostrar que o filme tem uma capacidade peculiar que lhe é própria de revelar o que não está visível para os indivíduos. Problematicando essas questões, Marc Ferro considera o filme como um documento que auxilia na construção de uma contra-história, isto é, uma história não oficial, que está parcialmente inserida nos arquivos pequenos, constituindo-se apenas em uma memória guardada pelas instituições. O historiador francês enfatiza que o filme, além de ser um documento histórico, também consiste em um acontecimento, pois a iconografia fornece muito mais informações sobre aqueles indivíduos que a recolhem e difundem do que propriamente sobre aquele que ela busca representar.

Em suma, Ferro acentua em inúmeros de seus textos sobre o tema que os filmes não devem ser observados somente como obra de arte, mas, sim, como um produto — uma imagem-objeto cuja significação não é somente cinematográfica (aquilo que testemunha) — e pela abordagem sócio histórica que autoriza. Neste sentido, a crítica sócio histórica a ser lançada em uma análise fílmica não necessariamente deve ser limitada ao contexto da época, mas também deve considerar os elos que unem o passado ao presente, isto é, o visível e não invisível diante das imagens. Em outras palavras, o historiador propõe analisar o que está por trás do aparente, o não visível através do visível, pelo questionamento da maneira pela qual cineastas escrevem história, sua influência sobre as imagens projetadas e, por fim, como a ideologia do contexto influencia ou não seus filmes. Por fim, ainda cabe ressaltar neste relatório que o autor revela que existem utilizações sociais fundamentais do cinema ao longo da história, fator que demonstra que o cinema é um agente da História.

Com base no exposto, é possível entender, que após o momento em que os historiadores passaram a encarar o filme para além de sua forma estética e capacidade de entretenimento, eles perceberam que a história produz aquilo que o cinema reproduz, isto é, uma sequência de imagens reais. Todavia, também foi possível compreender que é possível indagar o que a imagem trás, assim como sua relação com a sociedade, e a discordância ou concordância com a ideologia, que de certo modo exprime a realidade, levando em conta a dominação das pessoas. Nesse sentido, foi possível compreender a influência que Marc Ferro teve sobre o desdobramento do debate.

Agradecimentos

Agradecimento a Iniciação Científica PVIC/UEG.

Referências

- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2007.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- _____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n.11, abr. 1991, p. 173-191.
- FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História – novos objetos*. Trad. Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 199-215.
- _____. *História e Cinema*. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História – novos objetos*. Trad. Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- _____. *História – novos problemas*. Trad. Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976;
- _____. *História – novas abordagens*. Trad. Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- MARSON, Adalberto. *Reflexões sobre o procedimento histórico*. In: SILVA, M. A. da (Org.). *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984, p. 37-64.
- NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. *Revista O Olho da História*, v. 1, n. 1, s/d, s/p.